

Aparecida na memória da Igreja: uma análise da constituição do mito de Nossa Senhora Aparecida no início do século XX

Aparecida in the memory of the Church: a review of the constitution of the myth of Nossa Senhora Aparecida in the early twentieth century

José Leandro Peters¹
joseleandropeters@yahoo.com.br

Resumo

A imagem de Nossa Senhora Aparecida é singular no que tange à identificação religiosa dentro do Brasil, sendo reconhecida como padroeira do país. A história da imagem tem como marco inicial o ano de 1717, quando ela teria sido encontrada por três pescadores. Contudo a fundação do mito só ocorre no início do século XX. Desta forma, o trabalho tem como objetivo analisar a construção da memória de Nossa Senhora Aparecida por parte da Igreja Católica no início do novecentos. Nesse período, Aparecida torna-se um espelho do povo mestiço brasileiro. Mais do que uma imagem, a virgem tornou-se uma demonstração da importância desses caboclos dentro do catolicismo. Sendo lida como o próprio brasileiro; miscigenada e cordial.

Palavras-Chave: Igreja; Proclamação da República; Nossa Senhora Aparecida.

Summary

The image of Nossa Senhora Aparecida is unique when it comes to religious identification within Brazil and is recognized as the patron saint of the country. The history of the image has as starting point the year 1717, when she would have been found by three fishermen. But the foundation of the myth occurs only in the early twentieth century. Thus, the study aims to analyze the construction of the memorial of Nossa Senhora Aparecida by the Catholic Church at the beginning of the twentieth century. During this period, Aparecida becomes a mirror of mixed people in Brazil. More than one image, the virgin became a demonstration of the importance of these *caboclos* within Catholicism. It has been read as the very Brazilian, mixed and friendly.

Keywords: Church; Republic Day; Nossa Senhora Aparecida.

Introdução

Foi em fins do século XIX e no avançar do XX que a imagem de Nossa Senhora Aparecida ganhou projeção nacional. No início do novecentos a cor da imagem

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

transforma-se em sua maior virtude. Ela passa a ser vista como a cambiante das cinco raças, representante de um povo mestiço e cordial.

Aparecida ganha projeções de uma Nossa Senhora brasileira. Sua história é entrecruzada com os maiores acontecimentos do país. Em primeiro lugar tentaram promover uma ligação entre a independência do Brasil e a sua representação por meio de alguns documentos que objetivaram comprovar a passagem de D. Pedro I pela capela de Aparecida antes de decretar a independência do Estado brasileiro.² Ali, o príncipe regente teria pedido à Santa Maria proteção para o Brasil. Confirmada ou não, a ilustre visita buscava em Nossa Senhora da Conceição, aparecida nas águas brasileiras, o amparo para a nova nação que emergiria nos trópicos.

A ligação com o governo Imperial se avoluma no final da década de 1880. Quando a Imagem recebe como ex-voto da princesa Isabel uma coroa, com a qual é coroada rainha em 1904.³ Ela passa então a estar diretamente ligada a uma das figuras mais emblemáticas da história brasileira. Junto à coroa, a princesa doa também o seu caráter redentor de “libertadora dos escravos”.⁴ Aparecida torna-se a sucessora de Isabel por reconhecimento ao trabalho desenvolvido junto dos desamparados socialmente. Mas é no período republicano que Nossa Senhora Aparecida é elevada a condição de rainha do povo brasileiro.

1- De Roma para o Brasil: a política religiosa do período.

Certamente a afirmação da Imagem de Nossa Senhora Aparecida em finais do século XIX e no alvorecer do XX não é um fato isolado, nem tampouco o resultado de uma política religiosa restrita ao Brasil. Possui referência em uma ação adotada pela Igreja em âmbito mundial. No conjunto de documentos sobre a coroação da imagem de Aparecida em 1904 constam algumas cartas enviadas pelo papas Leão XIII e Pio X aos cardeais da Igreja Católica. Em um desses escritos, Leão XIII chama atenção para a necessidade de comemoração por parte da Igreja do quinquagésimo aniversário da definição dogmática da Imaculada Conceição da Virgem. O papa alerta para que;

² D. Pedro I – Conde de Assumar. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. *Personagens de Aparecida, 1717-1957.*).

³ Lourival dos Santos afirma que não existem documentos que comprovem a doação da coroa pela Princesa. (Santos, 2000).

⁴ Termo utilizado pelo padre Júlio Brustoloni ao descrever a coroação da imagem em seu livro sobre a história de Nossa Senhora Aparecida. (Brustoloni, 1998, p. 81).

como os tempos vão correndo tão procellosos e cheios de perigos para a Igreja, muito Nos abre a alma a esperança de ver os fiéis aproveitarem a ocasião do mencionado quinquagenário para se voltarem num ímpeto unânime de confiança e amor para Aquella que é invocada como Auxilio dos Christãos.⁵

O papado de Leão XIII foi inovador no campo social, ditando normas de um grande trabalho dos católicos em todo o mundo (Castiglioni, 1948). Estava alerta às necessidades espirituais dos fiéis e pronto para desmascarar seus erros. Se propondo a utilizar qualquer que fosse a forma para infiltrar em seu rebanho. Em uma de suas primeiras encíclicas recordou a ação benéfica do Evangelho sobre as nações: “a igreja dispõe dos remédios contra todos os males que afligem a família e a sociedade”.⁶ A grande preocupação em se voltar para o social parece ter suas raízes no campo da política.

Durante o papado de Leão XIII, a Europa passava por processos de rompimento da monarquia e instauração de regimes republicanos. Juntamente com esses regimes emergiam no cenário político grupos tendendo ao liberalismo burguês ou ao socialismo e distanciando-se de conceitos religiosos. Essas alterações causavam desgaste na Igreja Católica, porque ameaçavam diminuir o número de ovelhas de seu rebanho. Leão XIII parece não ter se colocado contra o regime republicano em si, empunhando bandeiras de restauração monárquica. Contestava a instauração de regimes republicanos na medida em que eles diminuía o poder da Igreja separando-a do Estado. Da mesma forma que entendia que alguns governos desempenhavam maus tratos à Igreja. Dizia ele não ser contra a tolerância a novos cultos por parte de alguns governos. Ela faz parte da liberdade humana.

Aos dissidentes, não só se pode conceder a liberdade, como também em certos casos temos que dá-la. Deus mesmo em sua providência, sempre infinitamente bom e onipotente, permite a existência de certos males no mundo. Convém ao governo dos Estados imitar Aquele que governa o

⁵ Carta enviada pelo papa Leão XIII aos cardeais Vicente Vanutelli, Mariano Rampolla Del Tindaro, Domingos Ferrata e José Calasancio Vives. (Diocese de São Paulo, 1904).

⁶ “la Iglesia dispone de remedios contra todos los males que afligen a la familia y a la sociedad”. (Castiglioni, 1948, pp. 604 e 605).

Universo... O que se busca é chegar ao seguinte: que ali, onde se tem dado toda licença ao mal, não se suprima o poder para fazer o bem.⁷

Parece claro que o temor de Leão, assim como o de demais membros religiosos, era a ameaça que a tolerância a outras igrejas oferecia ao poder de controle da Igreja Católica sobre os seus fiéis. O papa aceita essa liberdade religiosa, mas considera o outro como o mal a ser combatido pelos católicos, segundo ele, possuidores do bem. No mundo que despontava a sua frente a ameaça vinha de todos os lados e não só das novas igrejas. Na política, os novos partidos socialistas e ao mesmo tempo anti-religiosos ofereciam alento aos operários e pobres oprimidos pelos sistemas de governo até então aplicados. Era preciso reaproximar a Igreja desses oprimidos para que mais ovelhas não desgarrassem do bando.

No Brasil, a Proclamação da República trouxe consigo o fim do regime do padroado. Vendo-se separada do Estado e em pé de igualdade com as religiões ditas protestantes, a Igreja precisou se rearticular, buscando novas estratégias de ação. Toda essa alteração ocorre dentro do processo conhecido como romanização dos católicos no Brasil. Embora a ligação entre o Estado e a Igreja durante o regime do padroado desse aos católicos a segurança e a garantia de que eram a religião oficial e suprema dos brasileiros, os eclesiásticos respondiam diretamente às ordens do governo imperial e não da Santa Sé. José Oscar Beozzo identifica o período entre os anos de 1870 e 1930 como um período de aproximação da Igreja Católica brasileira com Roma (Evaristo, 1981). Neste intervalo mudanças significativas ocorreram na atuação católica dentro do Brasil, visando uma maior institucionalização e controle eclesiástico das questões religiosas.

A vinda de sacerdotes europeus para o Brasil situa-se dentro dessas mudanças ocorridas na Igreja. Insere-se nesse contexto a chegada dos padres Redentoristas alemães em Aparecida na década de 1890. Ao chegarem à cidade e assumirem a administração do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, os padres alemães destacaram a força de união que desempenhava a imagem de Aparecida frente ao povo brasileiro.

⁷ “A los disidentes no solo se les puede conceder la libertad, sino que em ciertos casos hay que darsela. Dios mismo em su Providencia, aunque infinitamente Bueno y omnipotente, permite la existencia de ciertos males en el mundo. Conviene en el gobierno de los Estados imitar a Aquel que gobierna el Universo... Lo que se busca es llegar a lo siguiente: que allí donde se ha dado toda licencia al mal, no se suprima el poder para se hacer el bien”. Carlos Castiglioni citando a epístola do papa Leão XIII: *Sobre la libertad humana*. (Castiglioni, 1948, p. 608).

Eles mencionaram ser o catolicismo dos brasileiros devotos da imagem de Nossa Senhora Aparecida muito mais externo do que interno, clamando, portanto, por uma ação evangélica voltada para a prática da catequese na tentativa de interiorização desse catolicismo.

2- Aparecida: uma Maria abrazeirada.

A Proclamação da República em 15 de novembro de 1889 intensificou o processo de mudanças no catolicismo. A Igreja Católica do Brasil, mesmo reaproximada de Roma, sofria do mesmo mal enfrentado pelo papa Leão XIII na Europa. Era preciso aproximar a Igreja dos fiéis, afim de não perder o controle sobre eles. Nessa disputa, a principal arma dos Católicos seria a figura de Maria. Em uma oração enviada pelo papa Pio X, sucessor de Leão XIII, e divulgada na época da coroação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em 1904 é possível perceber a ameaça que o novo cenário oferecia a Igreja.

Virgem Santíssima, que agradastes ao Senhor e foste sua Mãe, immaculada no corpo, na alma, na fé e no amor: n'este Jubileu solemne da proclamação do dogma que vos anunciou ao mundo inteiro concebida sem peccado, volvei benigna, por piedade, os olhos para os infelizes que imploram o vosso poderoso patrocínio! **A serpente maligna**, contra quem foi lançada a primeira maldição, **continua teimosamente combatendo e tentando os míseros filhos de Eva**. Eia, benedicta Mãe, Rainha e advogada nossa, **que desde o primeiro instante de vossa conceição esmagastes a cabeça do inimigo**, acolhei as súplicas que, a vós unidos n'um só coração, vos pedimos **apresentai perante o throno do Altíssimo, para que jamais caiamos nas embucadas que se nos preparam**, para que todos cheguemos ao porto de salvação, e **no meio de tantos perigos a Igreja e a sociedade cantem de novo o hymno do resgate, da victoria e da paz.**⁸

Maria, aquela que venceu o pecado, é invocada para vencer essa “serpente maligna” que ameaça o mundo. A serpente, as emboscadas e os perigos de que falam a oração, provavelmente referem-se aos novos cenários políticos que emergiam e as ameaças que as igrejas protestantes ofereciam ao catolicismo. Neste sentido a imagem

⁸ Oração enviada pelo papa Pio X em 08 de setembro de 1903. A aqueles que fizessem a oração a Igreja concedia 300 dias de indulgência. (Diocese de São Paulo, 1904). Grifos meus.

de Nossa Senhora da Conceição Aparecida desponta como um símbolo capaz de unir diferentes classes dentro do Brasil, desde os mais potentados até os mais simples. José Murilo de Carvalho aponta para a utilização da imagem de Maria como uma arma anti-republicana no Brasil da Primeira República. O autor ressalta a coroação da imagem na data de 08 de setembro de 1904;

Nossa Senhora Aparecida foi coroada Rainha do Brasil. Observem-se a data e o título: um dia após a comemoração da independência, uma designação monárquica. Não havia como ocultar a competição entre a Igreja e o novo regime pela representação da nação (Carvalho, 1990, p. 93-94)

Mais do que um contra-ataque da Igreja ao regime republicano, a coroação de Nossa Senhora Aparecida era, como salientou José Murilo, uma estratégia de representação da nação brasileira. Desta forma é possível supor que o objetivo não era somente confrontar a nova República que havia emergido no final de 1889, mas principalmente buscar um símbolo dentro da própria Igreja capaz de congregar em si toda a nação brasileira. A imagem de Maria, a mãe do filho de Deus, vista como uma mulher mestiça, assim como o povo brasileiro era capaz de satisfazer essa necessidade em um momento que até mesmo o governo republicano se esforçava em produzir símbolos capazes de representar a recém fundada república e seus cidadãos.

A Igreja utilizou esse momento, uma data comemorativa em âmbito mundial do quinquenário aniversário da definição dogmática de Nossa Senhora da Conceição, para promover uma imagem de Maria surgida em águas brasileiras. Imagem que os brasileiros já cultuavam ao longo de 150 anos, ou seja, já aceita pela sociedade. Maria mestiça era capaz de reunir as diversas camadas sociais, desde os mais abastados até os mais simples. Um relato do início do século XX apresenta a imagem exaltando a tonalidade de sua cor.

Essa “Imagem Milagrosa” da “Padroeira” do Brasil, tem uma cor castanho escuro, tonalidade em que interferem os cambiantes das cinco raças do mundo. É como uma mensagem anti-racista, uma proclamação do universalismo católico, que abrange todos os tipos humanos, sem predominância de uma sobre os outros. (...) É como se a “Mãe de Deus e nossa”, quisesse proclamar ao mundo inteiro: esta é a pátria formada sob as luzes do “Evangelho”, que o português interpretou e realizou na obra

civilizadora que se propôs, e os brasileiros continuam confraternizando todos os povos do planeta.⁹

A citação acima se refere à imagem de Nossa Senhora Aparecida como um retrato do povo mestiço brasileiro. Mais do que uma imagem, o texto deixa transparecer que a virgem é uma demonstração da importância desses mestiços dentro do catolicismo. Aparecida é um exemplo do trato que a Igreja desempenhava para com a população brasileira daquele momento. Buscava unir todos debaixo do Evangelho. Ao analisar a visão da Igreja sobre o seu rebanho, Hugo Fragozo identificou dois momentos distintos, sendo o divisor de águas entre eles o ano de 1971 (Hauck, 1992). Fragozo sugere que a “concepção de Povo de Deus acompanha a evolução do conceito de ‘gente brasileira’” (Hauck, 1992, p. 144) e que antes de 1871 o termo “gente branca” era sinônimo desta concepção, sendo possível “dizer que, no interior da Igreja, negros e índios não conquistaram ainda o título de ‘Povo de Deus’” (Hauck, 1992, p. 144). O ano de 1871 traz consigo o advento da Lei do Ventre Livre, “que representou a declaração de ‘brasilidade’ dos negros” (Hauck, 1992, p. 152). Esse impulso na tomada de consciência que esses mestiços também fazem parte do povo brasileiro conduz a um despertar na consciência da Igreja de que eles são também parte do “Povo de Deus”.

A concepção que a Igreja tinha de seus seguidores, compreendida da maneira acima citada, permite supor que a escolha da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, para ser coroada no dia 08 de setembro de 1904 é o resultado da tentativa de construção de uma imagem desse novo “Povo de Deus” dentro da Igreja. Uma construção que foi impulsionada de maneira mais forte com a Proclamação da República e a ameaça que a Igreja sofria de perder grande volume de seus antigos fiéis e dos agora já libertos, escravos e seus descendentes.

As ordens vindas de Roma delegavam que:

cumpra aos Eminentíssimos Cardeais tomar sobre si o pio e honroso encargo de determinar e executar cuidadosamente o que lhes parecer melhor e mais digno desta querida cidade, para honra da Belíssima Virgem sem mancha e para mais se aumentarem a piedade dos fiéis para com a mesma Senhora.¹⁰

⁹ Histórico da Imagem de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. *Anotações e Acontecimentos 1719 – 1958.*)

¹⁰ Carta dirigida pelo Secretário da Comissão Cardinalieia aos Excellentíssimos Snrs. Bispos do Orbe Catholico. Em 30 de junho de 1903. Escrita por Thiago Radini Tedeschi. (Diocese de São Paulo, 1904).

Os documentos levam a supor uma tentativa de construção de uma memória sobre a Imaculada Conceição com o objetivo de aumentar ainda mais o seu culto. Nesse sentido, a associação da imagem de Nossa Senhora Aparecida com o povo mestiço brasileiro pode ter sido propositalmente pensada e articulada, concretizando os anseios da Igreja Católica. Tudo isso atendendo a ordens provindas de Roma e não somente a interesses brasileiros internos.

A coroação ganhou ainda mais ímpeto dentro das camadas populares, quando se constituiu a imagem de uma Maria que rogava pelos oprimidos, que intercedeu pelos subjugados, e recebeu como doação, pelas mãos da princesa Isabel, uma coroa. A associação da imagem de Aparecida com a figura de Isabel ajudou a concretizar os objetivos eclesiásticos. Isabel era a sucessora do trono real brasileiro e foi a promotora da liberdade dos escravos, que formavam agora uma ampla parcela de marginalizados brasileiros. Coroar Aparecida com uma coroa doada pela princesa significava muito mais do que colocar sobre a cabeça de uma imagem um simples arco de metal. O objeto doado pela “libertadora dos escravos”¹¹ era um símbolo muito sugestivo, carregado de significados que extrapolam o campo religioso. Em primeiro lugar era o reconhecimento pela Princesa da importância dessa imagem e do seu caráter real, soberano. A doação da coroa na década de 1880 simbolizou o reconhecimento de Isabel do protetorado de Aparecida sobre o território brasileiro. Iniciava-se nesse momento um jogo simbólico entre as duas imagens: uma aliança entre a libertadora dos escravos e a Mãe dos pobres e oprimidos. União concretizada na coroação, no dia 08 de setembro.

A coroa doada pela sucessora da monarquia brasileira, destronada pelos militares em 1889, propõe uma dupla interpretação. Ao mesmo tempo em que lembrava a sucessão monárquica em plena república e incorporava à imagem de Nossa Senhora Aparecida mais um ornamento dando a ela a força de um símbolo nacional, significava a incorporação pela Igreja de todos os libertos no 13 de maio. Os ex-escravos contariam agora com a proteção dessa Maria mestiça, já que não podiam mais contar com a proteção de sua princesa libertadora.

¹¹ O feito da princesa é exaltado pelos membros da Igreja Católica, o padre Júlio Brustoloni assim descreve a princesa: “com esta coroa, doada pela *libertadora dos escravos*, a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi solenemente coroada em 1904.” (Brustoloni, 1998, p. 81) (Grifos meus).

Se as ordens vindas de Roma eram dar às solenidades de comemoração do quinquagenário aniversário da definição dogmática de Nossa Senhora da Conceição rumos que trouxessem como benefícios para a própria Igreja o aumento do número de seus seguidores, as escolhas parecem terem sido as mais propícias para o momento. Aparecida era a imagem de uma Maria abrasileirada, capaz de congregar quase todos, se não todos, os estereótipos humanos encontrados no Brasil daquele momento.

Conclusão

Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi forjada no início do regime republicano para contrapor a nova imagem religiosa que os republicanos propuseram para o Brasil, um país laico aberto para vários referenciais religiosos. A Igreja leu esse momento como uma grande ameaça ao seu poder dentro do país, poder esse que advém em parte do número de fiéis que a seguem. Ofereceu a sociedade brasileira um símbolo nacional de referência religiosa. A imagem de uma Maria mestiça foi coroada Rainha do Brasil, um dia após as comemorações da independência do país, aproveitando-se de uma data comemorativa para a Igreja em âmbito Mundial. Com esse signo religioso, lido agora como emblema nacional, pois deixa de ser qualquer Maria para ser a Mãe aparecida em águas brasileiras e protetora de seu povo, a Igreja oferece aos brasileiros aquilo que o Estado não é capaz de lhes dar: uma imagem com a qual se identifiquem.

Contudo pensar essa apropriação da imagem por parte da Igreja como uma via de mão única seria conduzir à visão de uma imposição imagética por parte da Igreja. Este processo é o resultado da leitura eclesial da sociedade. Aparecida foi escolhida entre outras imagens de Maria, provavelmente por já desempenhar no povo alguma função, ou melhor, alguma identificação. O que os religiosos fizeram foi captar os 150 anos de história que a imagem já acumulava e rerepresentá-la para esse mesmo povo como a Mãe compadecida que é capaz de aliviar as angústias dos necessitados. Da mesma forma que no século XVI foi forjada a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe como patrona do povo Mexicano atraindo para si os anseios de índios, espanhóis e mestiços, cada qual atribuindo a ela significados diversos, na tentativa de criar ali uma identidade religiosa única (Gruzinski, 2006), no Brasil do século XX, a imagem de Nossa Senhora Aparecida se afirmou como o símbolo capaz de unir a maior parte dos

brasileiros sob os braços do catolicismo. A astúcia católica foi certamente facilitada por uma já identificação dos brasileiros com essa pequena imagem de barro.

Referências bibliográficas

Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. *Acontecimentos Extraordinários referentes à Nossa Senhora Aparecida. Aparecida – 1743 - 1872*. Aparecida, SP: Cúria Metropolitana de Aparecida, 1919.

_____. Histórico da Imagem de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. In: *Anotações e Acontecimentos 1719 – 1958*.

_____. *Personagens de Aparecida, 1717-1957*. Aparecida: Cúria Metropolitana de Aparecida.

BRUSTOLONI, Júlio J. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a Imagem, o Santuário e as Romarias*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Pp 93 e 94.

CASTIGLIONI, Carlos. *Historia de Los Papas*. Tomo segundo: Desde Bonifácio VIII a Pio XII. Barcelona, Madrid, Buenos Aires, Rio de Janeiro: Editorial Labor, S. A., 1948.
DIOCESE DE SÃO PAULO. *Jubileo da Immaculada Conceição*. São Paulo: Escola Tipographica Salesiana, 1904.

EVARISTO, Paulo; ARNS, Cardeal; BEOZZO, José Oscar. *O que é Igreja?*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HAUCK, João Fagundes; et all. *História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo – Segunda Época: A Igreja no Brasil do século XIX*. 3ª edição. Petrópolis: Edições Paulinas / Vozes, 1992.

GRUZINSKI, Serge. *A Guerra de Imagens: se Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Lourival. *Igreja, Nacionalismo e Devoção Popular: as estampas de Nossa Senhora Aparecida – 1854-1978*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.